

Âncora cambial será mantida

por Vera Saavedra Durão
do Rio

Não será em 1997 que o governo irá mexer no câmbio de modo a garantir uma melhora no setor externo. Segundo economistas ouvidos por este jornal, o governo vai manter inalterada a âncora cambial, instrumento pelo qual garantiu a estabilidade nos preços.

“Eventualmente, o câmbio poderá se situar acima do IGP-DI — índice de inflação da Fundação Getúlio Vargas”, disse o economista Fábio Giambiagi, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Este ano a inflação deverá ficar em 10% contra variação de cambial 6% a 7%. “Para 1997, prevejo uma variação de 7% do IGP-DI e de 6% do câmbio”, estimou Giambiagi.

A analista do Banco Bozano, Simonsen, Soraya Mansour Taouk, projeta uma desvalorização menor do câmbio, em torno de 3,5% a 4% em relação aos 6,5% neste ano. Ela trabalha com um cenário favorável para as contas externas. “O déficit da balança comercial faz parte da nova política externa do País, de adoção de uma economia aberta, com proposta de mudar o coeficiente de importações porque está entrando num novo ciclo de investimento”, afirmou ela. “Será preciso investir em novas máquinas, novas técnicas, todas

importadas. No curto prazo, não há como aumentar as exportações para fazer face ao crescimento das importações.”

Seu raciocínio é de que o governo deve estar atento à magnitude do déficit em conta corrente, que está intrinsecamente associado à qualidade do capital que o financia. “A qualidade deste capital está melhorando, pois está aumentando os investimentos diretos na economia.” Este ano, o Bozano, Simonsen, prevê a entrada de US\$ 8 bilhões em investimentos diretos, em relação aos US\$ 3 bilhões em 1995. Até agosto, metade do saldo negativo em transações correntes foi financiado por investimento direto. “Neste ritmo, não vejo nenhum perigo para as contas externas.” O Bozano espera entrar US\$ 10 bilhões de investimentos diretos no Brasil em 1997.

Na questão das contas externas, Giambiagi prevê déficit em conta corrente para 1997 na casa dos 3% do PIB, superior a US\$ 22 bilhões se levarmos em conta um PIB no valor de US\$ 780 bilhões no período. “Não vejo ameaça de crise cambial com quase US\$ 60 bilhões de reservas internacionais”, destacou o economista do BNDES.

O economista Uriel Magalhães, da UM Consultores, considera o saldo da balança comercial uma “variável difícil”. Para este ano, sua projeção é de

um déficit de US\$ 3 bilhões, fechando o próximo ano com déficit entre US\$ 4 bilhões a US\$ 4,5 bilhões.

DEFICIT FISCAL

O desafio mais difícil para os condutores da política econômica continuará sendo, no ano próximo, equilibrar as contas públicas e aumentar a poupança interna. Uriel Magalhães tem perspectivas do déficit público operacional fechar em 1997 em torno de 2,5% a 3% do PIB por duas razões básicas: queda dos juros reais e a aceleração do crescimento que vai melhorar a arrecadação tributária global. Na sua ótica, o recente pacote fiscal baixado pelo governo vai ajudar pouco no equilíbrio das contas públicas.

Giambiagi acredita que a meta do governo é caminhar em direção a um déficit sustentável de 1% a 1,5% do PIB. “Este era o cenário imaginado para 1997 e 1998, com a idéia de que este ano se atingisse um saldo negativo de 2,5% do PIB. Acredito que fecharemos este ano com déficit de 4% do PIB.” Esta situação desfavorável se deve, diz ele, à manutenção dos juros no patamar de 17% em termos reais ao contrário dos 16% esperados. Para Giambiagi, a condição para melhorar esta situação até 1998 é a implantação das reformas administrativa e da previdência.